

Vertigem Amazônica¹

Jessica Santos SILVA²

Sue Anne Guimarães Cursino PESSOA³

Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Parintins, AM

RESUMO

“Vertigem Amazônica” é uma fotografia que tem como objetivo abordar o contexto cultural com os principais elementos presentes no cotidiano dos pescadores ribeirinhos do interior de Parintins (AM). Assim como na pintura artística, a estética fotográfica propõe interpretações e reflexões capazes de estimular de diversas formas, quem a vê sobre a forma singular de cada olhar. Dessa forma, a fotografia conduz com a harmonia da técnica e sensibilidade do fotógrafo um campo vasto e cheio de significações que podem transcender do mundo real e partir para a abstração, não limitando-se a apenas uma forma ou um conceito.

Palavras-chave: Amazônia; fotografia; estética; arte; cultura.

1. INTRODUÇÃO

Um das características singulares da fotografia trata-se de não se limitar apenas ao que é exposto e registrado, pois ela carrega em si diversos discursos ideológicos que transpassam ao observador. Por meio de elementos informativos a interpretação é necessária de acordo com a bagagem sócio cognitiva de cada indivíduo.

Tal singularidade decorre da intersecção de coordenadas particulares de situação (espaço e tempo), as quais se encontram, inclusive, materializadas fotograficamente (pela ação do fotógrafo). O ato de registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético, etc.); essa fotografia faz em si indicações acerca de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real (o assunto registrado) (KOSSOY, 1941, p. 39-40).

A fotografia “Vertigem Amazônica” é resultado da experiência com a participação do Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE), cujo título era “*Do direito das camaroeiras ao cuidado com o camarão*”. O projeto interdisciplinar foi realizado em duas comunidades ribeirinhas de Parintins, São Sebastião da Brasília e Catispera, distante

aproximadamente 50 minutos de barco da cidade. No projeto, fiquei encarregada de registrar fotograficamente todas as atividades do programa, além de realizar ações com os comunitários. O Pace era interdisciplinar e proporcionou um acréscimo significativo sobre o treinamento do olhar fotográfico, sobretudo o que me cercava, fazendo valer cada registro pretendido, apoiado no estudo antropológico e fotográfico.

Outros fatores importantes que influenciaram no ato de fotografar foram os elementos como composição e linguagem, os quais atribuem bastante valor na estética da fotografia e propõem uma reflexão dos modelos diferenciados na comunicação do mundo possível e real.

Estética, em uma definição ligeira, é quando percebemos para a fotografia o estudo do modo de ser dos efeitos da criação artística que dominam a ideia e a matéria através de uma racionalidade compositiva, inventada e construída. E que realizada na maneira da arte suscita uma diversidade de sentimentos, fruição e tipos de emoção revelados. Porém, em princípio sabemos que o modelo fotográfico por ser uma cópia e, sendo assim, a captação da foto é sempre mensageira de alguma realidade e prepara uma aplicação conceitual estudada que distingue, une e aproxima os signos da arte e da comunicação. (PAIVA, Maria, 2006, p. 2)

Dessa forma, para Maria Paiva, com os diálogos distintos, parte-se da réplica fotográfica para uma abstração formal da realidade que utiliza o sistema representativo visual e por vezes, informativo, e que, apoiada nos modelos estéticos, a fotografia forma sua própria estrutura de figuração e prossegue a união da comunicação com a arte de imitação do visível.

Com isso, a fotografia nos indica uma realidade de um espaço-tempo fotografável, servindo também de memória e registro, assim como os grandes artistas ao longo dos anos que por meio de suas pinturas artísticas demarcaram época, visões de mundo e modos de vida.

A fotografia “Vertigem Amazônica” foge do habitual por retratar em seus elementos visuais uma parte cultural sobre o cotidiano dos ribeirinhos em seu próprio mundo, o qual oscila entre a cheia e a seca no movimento das águas barrentas e turbulentas do Rio Amazonas, forçando-os a se adaptarem de acordo com a natureza, tão presente e determinante em suas vidas, assim como a religião.

Além dos registros fotográficos, fiquei responsável por realizar dinâmicas acerca da identidade dos comunitários no projeto, fator que contribuiu consideravelmente para o treinamento da percepção cultural nas fotografias.

2. OBJETIVO

Por meio do olhar atento e criativo, a fotografia artística propõe retratar em seus elementos a singularidade da cena escolhida de acordo com a intenção desejada. Esse foi o principal objetivo a ser alcançado.

Tendo sido atribuído a mim o registro fotográfico das atividades do Pace, busquei expor da melhor forma também o cotidiano dos ribeirinhos, com seus modos de vida em um ambiente mutável e suas relações sociais. Primeiramente, por se tratar de um contexto de vida diferente do meu, procurei treinar o olhar para identificar na melhor forma a peculiaridade da vida deles em todos os aspectos, para fugir da retratação clichê do ribeirinho, limitando-o apenas ao seu sustento vindo das águas.

A matéria de Introdução à Fotografia me norteou fundamentando o conhecimento introdutório e histórico das técnicas fotográficas, no qual pude aplicar o conteúdo aprendido com a prática durante as viagens do Pace. “O aparelho fotográfico obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-las em imagem” (FLUSSER, 2009, p. 32). Tentativas e erros foram inúmeros até que eu pudesse notar que o registro pretendido seria válido, facilitando muito sobre a escolha posterior de cada registro fotográfico, além de aprimorar a importância da discussão cultural e de divulgação por meio da mesma.

O domínio sobre as técnicas fotográficas foi essencial na combinação dos elementos para o enquadramento desejado, especialmente por conta da dificuldade com a movimentação dos objetos de cena escolhidos que se moviam de acordo com a correnteza do rio, além do ambiente ser externo e do fato de que eu estava em outro barco em movimento realizando o registro fotográfico. Controle, domínio e atenção foram primordiais durante o ato fotográfico.

Com a fotografia “Vertigem Amazônica”, procurei expor além do registro uma reflexão por meio de todos os seus elementos singulares e enquadramento, o modo de vida dos ribeirinhos. A igreja local com pequenas e médias embarcações em sua entrada, juntamente com outras moradias ilhadas, além da trave de futebol, servem como plano de fundo para o pescador que sai deste ambiente em meio a água revolta e barrenta, com ondas constantes e fortes, seguro em seu remo tão tradicional, mesmo sendo notório o motor de

rabeta movido à diesel em sua embarcação que, além de servir como locomoção, é seu principal meio de sustento.

3. JUSTIFICATIVA

Compreende-se a fotografia aqui como um gênero do discurso, tal como é proposto por Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, ou seja, tipos relativamente estáveis de enunciados, um enunciado fotográfico, composto não apenas por meio do equilíbrio de luz e objeto, mas também por meio do contexto social e ideológico, e características temáticas, estilísticas e composicionais.

Neste sentido, “compreende-se a teoria da linguagem da Mikhail Bakhtin, que defende que todo enunciado é dialógico, uma vez que é um discurso vivo e deve ser visto em um contexto real e histórico de um dado campo comunicacional, ou seja, em um contexto de interação entre o falante e o ouvinte” (CURSINO, 2011, p.14). Neste caso: fotógrafo, fotografia e o apreciador da fotografia.

Ao compreender a fotografia como “unidade real da comunicação” (FIORIN, 2006, p. 20), também se dialoga com a leitura de Boone (2007, p.14), para o qual a fotografia é um signo, “um instante apreendido ou a captação de algo, de alguém ou de um momento, mas sabemos que a imagem apenas representa e não é o objeto em si”. É neste sentido que a fotografia não é um signo neutro, ou melhor, para Bakhtin, o próprio signo refrata e reflete uma realidade.

A fotografia então, sob esse mesmo ponto de vista, é concebida como uma unidade de comunicação e de sentido, devidamente contextualizada. Partindo dessa premissa, “a fotografia se constitui não apenas por seus elementos semióticos internos, tais como disposição dos elementos (cor, enquadramento de luz, disposição dos elementos, foco, outros diversos), mas, em adição, por condições extraverbais da situação social da qual se constitui e funciona” (ACOSTA-PEREIRA, 2011, p.2), ou seja, em relação ao seu próprio contexto e com “as vozes” com a qual dialoga.

Para Bakhtin (2008), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, assim como a fotografia serve como um enunciado também, não existindo um enunciado fora de um contexto social e histórico, sendo portanto, ideológico.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a captação da imagem deste trabalho, os métodos e técnicas foram desenvolvidos e trabalhados a partir da formação acadêmica na disciplina de Introdução à Fotografia por meio do uso das câmeras digitais, além da prática externa do conhecimento adquirido que pude fazer com o projeto Pace do qual participava, permitindo assim, destacar por meio da comunicação visual, a o poder artístico fotográfico.

A captação da imagem foi realizada com o modo manual da abertura do diafragma e de exposição com a câmera digital Canon EOS Digital Rebel XS de 10 Megapixels, com lente zoom 18-200mm, em formato JPEG, levando em conta a regra dos terços com o barco em primeiro plano.

Para a edição do tratamento da imagem, utilizei o programa específico para fotografias Adobe Photoshop CS6, para um maior destaque nas cores que variam entre tons quentes e frios.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Na fotografia deste trabalho pretendi retratar o contexto sobre o modo de vida dos ribeirinhos amazônidas, com elementos culturais muito presentes e que abrangem desde a crença religiosa ao modo de locomoção e de sustento dos mesmos. A foto “Vertigem Amazônica” faz parte do arquivo de registro fotográfico do Pace interdisciplinar “Do direito das camaroeiras ao cuidado com o camarão”, no qual aconteceu durante o segundo semestre de 2013, com várias viagens às duas comunidades ribeirinhas de Parintins (São Sebastião da Brasília e Catispera).

O projeto tinha como um dos principais objetivos levar aos comunitários e principalmente às pescadoras de camarão, informações e conhecimento sobre seus direitos, abrangendo desde palestras sobre a previdência social e regulamentação nas colônias de pescadores locais, atividades de relaxamento e prevenção de lesões do corpo, tratamento e cuidado devido sobre a forma de pescar com dicas sustentáveis para uma renda maior, até dinâmicas para abordagem sobre a própria identidade dos comunitários. O Pace envolveu alunos dos cursos de Serviço Social, Educação Física, Zootecnia, Administração, Pedagogia e Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas.

O registro fotográfico foi realizado na saída da comunidade de Catispera, no término da manhã de domingo no mês de junho, época em que o nível de água do Rio Amazonas começa a abaixar, ainda assim, a correnteza do rio é constante durante todo o ano.

A escolha do nome “Vertigem Amazônica” para a imagem deste trabalho, se deu por conta do significado de “vertigem” ser relacionado a sensação de ilusório movimento, no qual os objetos (a natureza Amazônica) giram em torno do ribeirão, ao mesmo tempo em que apresenta a oscilação do movimento do rio Amazonas, turbulento, constante e grande o suficiente para ilhar o que quer que seja. Ali, em meio ao ambiente amazônico eu estava em posição de fotógrafa caçadora, tal como na analogia de Vílem Flusser, e apontava minha arma (câmera fotográfica) para captar um recorte da paisagem que eu apreciava ao girar em 360 graus.

A selva consiste em objetos culturais, portanto de objetos que contêm intenções determinadas. Tais objetos intencionalmente produzidos vedam ao fotógrafo a visão da caça. E cada fotógrafo é vedado à sua maneira. Os caminhos tortuosos do fotógrafo visam a driblar as intenções escondidas nos objetos. Ao fotografar, ele avança contra as intenções da sua cultura. Por isso, fotografar é gesto diferente, conforme ocorre em selva de cidade de ocidental ou cidade subdesenvolvida, em sala de estar ou campo cultivado. Decifrar fotografias implicaria, entre outras coisas, o deciframento das condições culturais dribladas. (FLUSSER, 2009, p. 29)



Fotografia Vertigem Amazônica.

6. CONSIDERAÇÕES

Sobre a análise da imagem deste trabalho, “Vertigem Amazônica”, a composição estética apoiada nas técnicas fotográficas visou destacar elementos presentes no cotidiano da vida dos ribeirinhos de Parintins, os quais vivem e repassam de geração a geração a cultura local.

Entretanto, vale ressaltar que também não trata-se apenas da retratação da vida dos mesmos em um ambiente instável, mas sim de uma reflexão e interpretação acerca de como eles se utilizam do contexto instável a favor deles próprios, abrangendo ambiente, crença religiosa, meio de locomoção, modo de sustento e moradia, em meio às idas e vindas vertiginosas do Rio Amazonas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAIVA, Maria Eliana Facciola. **Estética e comunicação na fotografia**. Trabalho apresentado ao NP 20, Comunicação e Fotografia, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0435-1.pdf>>

KOSSOY, Boris, 1941, **Fotografia & História** / Boris Kossoy. - 2. ed. rev. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=Iz83IeRyy1oC&pg=PA55&lpg=PA55&dq=%2B%22fotografia+e+hist%C3%B3ria%22+%2Bkossoy&source=bl&ots=sBZpTxvh45&sig=WCwZbbkdU4PyDYuz-ZKHu2gnHbs&hl=pt-BR&ei=QxODSqBJBYKItgfMp_TMCg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=10#v=onepage&q&f=false>

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.

Tradução o autor. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

BOONE, Silvana. **Conexão: Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul, v.6, jul. 2007.

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. **Gêneros Intercalados e Dialogismo**: análise de fotografias renunciadas em notícias impressas. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 07, n.14 – Edição Especial 2011 – ISSN 1807-5193. Disponível em: <www.letramagna.com>

CURSINO, S. A. G. P. **Amazônia em “O Nome da Morte”**: uma caracterização dialógica. Monografia, orientador: Antônio Heriberto Catalão Júnior. Colegiado do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, Parintins, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.